

DIA INTERNACIONAL DA MULHER

O reconhecimento da MB à importância das mulheres nas Forças Armadas: da Guerra do Paraguai aos dias atuais

A presença das mulheres nas Forças Armadas brasileiras teve início, oficialmente, com a Marinha do Brasil, em 1980, por intermédio da criação do Corpo Auxiliar Feminino da Reserva da Marinha (CAFRM); porém, a importância das mulheres para as Forças Armadas vem de longa data, como, por exemplo, na Guerra da Tríplice Aliança.

Em novembro de 1864, Solano López mandou aprisionar o navio brasileiro Marquês de Olinda, que passava pelo Paraguai em direção ao Mato Grosso, fato este que deu início à guerra. No mês seguinte, em dezembro de 1864, o Paraguai invadiu o Mato Grosso. No começo de 1865, as tropas paraguaias invadiram Corrientes (Argentina) e logo em seguida o Rio Grande do Sul.

No Brasil, D. Pedro II, em janeiro de 1865, criou o serviço de Voluntários da Pátria, com o propósito de despertar o sentimento patriótico das pessoas na defesa do País. Não só homens se alistaram, mas mulheres, tocadas por um sentimento patriótico, aderiram ao serviço voluntário de diversas maneiras.

As mulheres formaram um “exército invisível”. Ora ficavam na retaguarda, muitas vezes acompanhando seus maridos e filhos; ora na vanguarda, guardando a carabina, combatendo no campo de batalha. Além disso, atuavam em diversas frentes de trabalho, no auxílio a seus filhos e maridos; no bordado das bandeiras nacionais; como enfermeiras, nos “hospitais de sangue”; entre outros. Assim, enfrentaram, juntamente aos homens, os desafios da guerra.

Muitas mulheres, e seus feitos, não foram consagradas na história; contudo, algumas de suas histórias são dignas de nota, como, por exemplo, Ana Justina Ferreira Néri, Ludovina Alves Portocarrero, Maria Curupaiti e Florisbela. Mulheres comuns, mães, esposas, enfermeiras, soldadas, andarilhas, vivandeiras, heroínas anônimas, senhoras respeitáveis, exemplo de mulheres que combateram e, por vezes, morreram nos campos de batalha da Guerra da Tríplice Aliança, eclodida em 1864 e com término em março de 1870.

Talvez, a única que obteve reconhecimento foi Ana Justina Ferreira Néri. Mais conhecida como Ana Néri, foi uma enfermeira brasileira, pioneira da enfermagem no Brasil. Era esposa do Capitão de Fragata Isidoro Antônio Néri, falecido, por súbita enfermidade, em 1843, com quem teve três filhos. Dois se tornaram oficiais do Exército e foram para o campo de batalha da Guerra da Tríplice Aliança, em dezembro de 1864. Ana requereu, então, ao presidente da província da Bahia, o Conselheiro Manuel Pinho de Sousa Dantas, que pudesse prestar serviços nos hospitais do Rio

Grande do Sul. Em 1865, partiu de Salvador para o Rio Grande do Sul, onde aprendeu noções de enfermagem e foi incorporada ao Décimo Batalhão de Voluntários. Prestou serviços voluntários nos hospitais militares de Corrientes, Humaitá e Assunção, durante a batalha.

Ludovina Alves Portocarrero, posteriormente batizada de baronesa do Forte de Coimbra, foi esposa do Tenente-Coronel Hermenegildo de Albuquerque Portocarrero, Comandante do Forte Coimbra no momento da invasão paraguaia.

No dia 27 de dezembro de 1864, iniciou-se o ataque paraguaio ao forte, que era considerado praticamente indefensável, tendo em vista ser construído no lado íngreme de um morro, à margem oriental de um rio, e dominado por outro morro na margem ocidental, ou seja, totalmente devassável. Mesmo assim, D. Ludovina liderou o apoio logístico aos defensores e a sua resistência moral e espiritual. Na noite do dia 27 para 28, 70 mulheres – esposas dos militares e civis – sob sua liderança, manufaturaram, com o auxílio de buchas fabricadas com suas próprias roupas e pela adaptação de projéteis de maior calibre, 3.500 balas de fuzil, munição consumida em dois dias de combate. Além disso, assumiram a função de prover alimentação e abastecer as posições, a fim de manter o maior número possível de soldados nas muralhas. Apesar desse esforço heróico, as tropas brasileiras tiveram que deixar o Forte às 23:00 horas, do dia 28, sem serem percebidas pelos paraguaios, para serem empregadas, em momento oportuno e vitorioso, *a posteriori*, pois, naquele momento, o destino da batalha não lhes era favorável.

Maria Francisca da Conceição, natural de Pajeú das Flores, Pernambuco, ficou conhecida como Maria Curupaiti. Lutou na Guerra da Tríplice Aliança e foi uma das mulheres mais admiradas da tropa.

Maria acompanhou seu esposo, que foi convocado para a Guerra. Para participar da expedição, cortou os cabelos, vestiu um uniforme do esposo – um cabo de esquadra do Corpo de Pantaneiros do Exército – e instalou-se nas fileiras na hora do embarque. Em luta, tomou as armas, cinturão e cartucheira de um soldado morto e avançou com a artilharia, derrubando vários soldados, mesmo depois de ver o marido ser morto, até ser ferida por um soldado paraguaio. Ela sobreviveu aos ferimentos e, pelos seus feitos, foi apelidada de Maria Curupaiti.

Florisbela foi uma mulher do povo, que lutou na Guerra da Tríplice Aliança. Ela engajou-se no conflito no Rio Grande do Sul acompanhando o marido, que pertencia ao 29º Corpo de Voluntários da Pátria. Não se limitou à vida dos acampamentos das mulheres dos soldados, envolvendo-se pessoalmente nas lutas. Segundo o Coronel Joaquim de Azevedo Pimentel, Florisbela armava-se com a carabina do primeiro homem que caía ferido e sustentava o combate até o final da luta. Além disso, auxiliava nos hospitais de sangue. Apesar do registro feito pelo coronel,

Florisbela não recebeu homenagens por seus feitos, embora estes se iguallassem aos que mais se destacaram nos sangrentos combates da Guerra da Tríplice Aliança.

A participação das mulheres brasileiras nos conflitos armados não se restringiu à Guerra da Tríplice Aliança. Muitas outras tiveram grande relevância, ao longo dos anos, para as Forças Armadas. Durante a Segunda Guerra Mundial, por exemplo, elas atuaram como enfermeiras, de maneira voluntária, nos hospitais militares, tendo, inclusive, atuado no campo de batalha, na Itália, no período de 1942 a 1945.

Sua crescente participação na história das Forças Armadas evidencia a sua importância para essas Instituições e o Brasil.

A Marinha do Brasil foi pioneira no ingresso das mulheres em suas fileiras com a criação do CAFRM em 1980.

Em 1997, a participação das mulheres na MB foi ampliada, com a reestruturação dos Corpos e Quadros de Oficiais e Praças da Marinha. A Lei n.º 9519 extinguiu o Corpo Auxiliar Feminino e aumentou as possibilidades de ingresso do sexo feminino. Dessa maneira, as mulheres da Força Naval, que antes eram restritas a um só Corpo, puderam passar a servir no Corpo de Engenheiros da Marinha, nos Quadros do Corpo de Saúde da Marinha, nos Quadros Técnico e Auxiliar da Armada do Corpo Auxiliar da Marinha, no Corpo Auxiliar de Praças e no Quadro de Músicos do Corpo de Praças de Fuzileiros Navais.

A Marinha do Brasil, ainda, na vanguarda da valorização das mulheres em suas fileiras, foi a primeira Força Armada brasileira a promover uma mulher ao Posto de Oficial General. A Contra-Almirante Médica Dalva foi promovida em novembro de 2012, até então a única mulher a chegar ao posto de Oficial General.

Em 2014, as mulheres puderam ingressar na Escola Naval para compor o Corpo de Intendentes da Marinha. No ano de 2017, o então Comandante da Marinha, Almirante de Esquadra Eduardo Bacellar Leal Ferreira, decidiu ampliar a participação de Oficiais e Praças femininas em atividades de aplicação efetiva do Poder Naval, autorizando o embarque em navios e unidades de tropa. A participação das mulheres no meio operativo, podendo compor os Corpos da Armada e de Fuzileiros Navais, a partir da Escola Naval, representa grande valorização e reconhecimento à importante contribuição das mulheres nas fileiras da Marinha.

Prosseguindo com os avanços na igualdade e reconhecimento das mulheres na Força Naval, em novembro de 2018, a Marinha do Brasil promoveu a segunda mulher a Oficial General, a Capitã de Mar e Guerra Engenheira Naval Luciana Mascarenhas da Costa Marroni.

Ao longo dos anos, a participação das mulheres foi sendo ampliada para diversas áreas de atuação, incluindo a direção de importantes Organizações Militares. Com equilíbrio e competência, a mulher marinheira vem consolidando cada vez mais sua participação nos diversos Corpos e Quadros dos Oficiais e Praças da Marinha do Brasil, contribuindo, sobremaneira, para o cumprimento das mais variadas tarefas da nossa Força, com maior eficiência e eficácia, e corroborando sua importância ao longo da história.

.....

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FLORES, Hilda Agnes Hubner. Mulheres na guerra do Paraguai;
DOURADO, Maria Teresa G. Mulheres comuns Senhora respeitáveis: a presença feminina na Guerra do Paraguai. UFMT, 2002;
DORATIOTO, Francisco. Guerra do Paraguai. In: MAGNOLI, Demétrio (org.). São Paulo: Contexto, 2006;
PERROT, Michelle. Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros. Tradução de Denise Bottmann. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988;
PRIORE, Mary Del. (Org.) História das mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2001;
PERNIDJI, Joseph. Homens e Mulheres na Guerra do Paraguai. Imago, 2003; e

Links:

<https://docplayer.com.br/21355127-Matriarcas-patriotas-andarilhas-e-vivandeiras-a-presenca-feminina-na-guerra-do-paraguai.html>;

www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/.../2010_MariaTeresaGarritanoDourado.pdf;

<https://www.passeidireto.com/arquivo/43791365/a-guerra-do-paraguai---luiz-octavio-de-lima/46>;

<http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/anpuhnacional/S.23/ANPUH.S23.0721.pdf>; e

<http://polemologia.blogspot.com/2015/11/forte-de-coimbra-ludovina-alves.html>

<https://correiodamanha.com.br/site/noticia/a-mulher-na-historia-as-mulheres-na-guerra-do-paraguai>

<https://tokdehistoria.com.br/2015/07/30/11338/>

<https://www.euviemlinhares.net/noticia/10579/cat/243/dr-fabricio-quando-uma-guerreira-morre-esquecida-e-vira-nome-de-rua.html>

<https://br.sputniknews.com/brasil/20150508972431/>

https://www.ebiografia.com/ana_neri/